

A O S S I M P L E S

Ó almas que viveis puras, imaculadas
na torre de luar da graça e da ilusão,
vós que inda conservais intactas, perfumadas,
as rosas para nós a tanto defolhadas
na aridez sepulcral do nosso coração;
almas filhas da luz das manhãs harmoniosas,
da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas,
da luz, olhar de Deus, da luz bênção do amor
que faz rir um nectário ao pé de cada abelha,
e faz cantar um ninho ao pé de cada flor;
almas onde resplende, almas onde se espelha
a candura inocente e a bondade cristã,
como num céu d'abril o arco da aliança,
como num lago azul a estrela da manhã;
almas urnas de fé, de caridade e esp'rança,
vasos d'ouro contendo aberto um lírio santo,
um lírio imorredouro, um lírio alabastrino
que os anjos do Senhor vem orvalhar com pranto
e a piedade florir com seu clarão divino;
almas que atravessais o lodo da existência,
— esse perverso lodo iníquo, envenenado, —
levando sobre a fronte o esplendor da inocência,
calcando sob os pés o dragão do pecado;
bendita sejais vós, almas que est'alma adora,
almas cheias de paz, humildade e alegria,
para quem a consciência é o sol de toda hora,
para quem a virtude é o pão de cada dia!
Sois como a luz que doira as trevas d'um monturo,
ficando sempre branca a sorrir e a cantar;
e tudo quanto em mim há de belo ou de puro,
— desde a esmola que eu dou à prece que eu murmuro —
é vosso: fostes vós o meu primeiro altar.

Lá da minha distante e encantadora infância,
D'esse ninho d'amor e saudade sem fim,
chega-me ainda a vossa angélica fragrância
como uma harpa eólia a cantar à distância,
como um veu branco ao longe inda a acenar por mim!

.....
.....
.....

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade imensa,
do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Caia mansa a noite; e andorinhas aos pares
cruzavam-se voando em torno dos seus lares
suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
dormia quieto e manso o impávido lebreu.
Vinha-nos da montanha as canções das ceifeiras,
e a lua branca além, por entre as oliveiras,
como a alma dum justo ia em triunfo aos céus!...
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
vendo a lua subir, muda, alumando o espaço,
eu balbuciava a minha infantil oração,
pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
que mandasse um alívio a cada sofrimento.

GUERRA JUNQUEIRO.

(Lido em sessão de 2/8/1982, pelo académico
Celso Maria de Mello Pupo.